

Bibliografia comentada sobre educação, cidades e infâncias desiguais

Marcia Cristina dos Santos

Marcia Baiersdorf

AUTHIER, Jean-Yves; LEHMAN-FRISCH, Sonia. Variations sur un thème: les manières d’habiter des enfants dans les quartiers gentrifiés à Paris, Londres et San Francisco. *Métropoles [online]*, n. 11, 2012. Mis en ligne le 12 déc. 2012. Disponible en: <https://journals.openedition.org/metropoles/4584>. Consulté le 18 août 2023.

193

O sociólogo e pesquisador, da Universidade Lumière Lyon 2, e a geógrafa e pesquisadora, da Universidade Paris Nanterre, apresentam resultados de uma pesquisa em que analisam as representações, as práticas e as sociabilidades de crianças em três bairros gentrificados: Batignolles em Paris, Stoke Newington em Londres, e Noe Valley em São Francisco. Procuram contribuir com os poucos trabalhos que comparam crianças residindo em bairros do mesmo tipo, propondo-se a estudar, tomando as crianças como base, as relações de coabitação que se instauram entre as famílias gentrificadoras (de classes médias ou médias altas) e as famílias gentrificadas (classes populares). Comparando com o que revela a literatura adulta sobre a gentrificação, a pesquisa traz indícios de que as relações de coabitação que se instauram nesses bairros não são sempre marcadas pelas lógicas sociais de se estar somente entre iguais. Nos bairros estudados, as crianças demonstraram praticar mais a mistura social do que seus pais e, mais genericamente do que os adultos que residem em bairros gentrificados. As crianças pesquisadas habitam plenamente os bairros gentrificados e exprimem, no conjunto, representação positiva, conhecimento detalhado e usos intensivos do bairro. Mas suas maneiras de habitar, largamente supervisionadas por seus pais, são também atravessadas por diferenciações resultantes do lugar de moradia, do meio social, da idade, do sexo e da configuração familiar.

FERNANDES, Florestan. As "Trocinhas" do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico dos grupos infantis. In: FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979. p. 153-175.

Publicado, inicialmente, em 1944, descreve e analisa, com base no olhar da sociologia, brincadeiras de rua de grupos infantis no bairro Bom Retiro, em São Paulo. Interessante observar o momento histórico em que foi escrito e a escolha de determinados termos, hoje superados, tais como: "imatuross", para designar as crianças; "folclore", em vez de cultura; "folguedos", no lugar de brincadeiras; "trocinhas", em vez de grupos de pares, entre outras expressões datadas e que revelam a construção histórica do pensamento social brasileiro. Por outro lado, traz questões bastante atuais para os estudos contemporâneos da infância, tendo as brincadeiras de rua como importante expressão das culturas infantis, patrimônio cultural imaterial a ser registrado, preservado e transformado pelas crianças.

GOBBI, Márcia Aparecida. Infâncias removíveis, crianças descartáveis: ensaio sobre uma remoção de casas e vidas na cidade de São Paulo. *ETD: Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 466-486, abr./jun. 2021.

194

O processo de remoção de moradias ocorrido em 2019, na favela Jardim Humaitá, em São Paulo, e seus efeitos na vida das crianças é discutido em uma pesquisa qualitativa, pautada em observações, documentos e fotografias. O terreno onde ocorreu essa remoção pertencia ao poder público, mas teve sua ocupação considerada ilegítima, em virtude de interesses econômicos e imobiliários envolvidos na questão. Assim, o texto tem o objetivo de "conhecer as estratégias de luta e/ou sobrevivência" das crianças diante do contexto de remoção, analisando a condição do que a autora chama de "infância removível". Ela conclui que existe um projeto de extermínio dessa população, composta, em sua maioria, por pessoas pretas e pobres, o que também envolve as crianças, que são expostas a riscos e, dessa forma, precisam lutar, cotidianamente, para superar as adversidades e reinventar a própria forma de viver.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. 4^o éd. Paris: Éditions Anthropos, [1974]¹ 2000.

O espaço produzido não é estanque como obra para ser lida ou contemplada, tampouco é cenário para circulação de mercadorias, ou intervenção urbana em si. É do presente. Refere-se ao vivido e tem sua gênese ancorada não diretamente ao modo de produção de uma sociedade, incluindo a capitalista. Nele, há eventos

¹ O ano entre colchetes é o da primeira edição.

pretéritos, sobrepostos e operantes na produção de vários cenários de futuro, configurando encontros e desencontros, ideologias e ilusões. As implicações e os conflitos podem ser capturados em diversas escalas: local, regional, nacional e mundial. Há sempre algo que escapa às transparências, camuflado. A obra faz o leitor se deparar com a genialidade e a densidade de um debate precursor do que, convencionalmente, hoje se reconhece como relacionado à pós-modernidade ou às incertezas desse tempo de histórico.

LIMA, Mayumi Souza. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989.

Como uma forma de apropriação, o espaço é construído, modificado, (re) significado, e, sobretudo – por meio das relações sociais –, vivido. O livro contém cinco capítulos. O primeiro define o processo de constituição do espaço físico como ambiente, ligado às subjetividades de quem nele vive. O segundo aborda a relação entre espaço e poder, partindo de situações históricas e investigando, por exemplo, as características do espaço escolar. O terceiro explora a construção de espaços igualitários no interior de instituições de ensino, analisando o pertencimento das crianças encontrado nas marcas pessoais que elas deixam nesses espaços. Além disso, trata da temática dos parques infantis, enfatizando a necessidade da participação das crianças na sua construção. O quarto capítulo descreve o caso da Escola Estadual João Kopke e critica aspectos da evolução da instituição, sobretudo a dominação dos adultos sobre as crianças. O último capítulo apresenta a rua como um lugar que surge, historicamente, pertencendo a adultos e crianças, mas, no decorrer do tempo, perde seu caráter democrático e transforma-se em lugar de passagem apenas. Ao adquirir essa finalidade única torna-se um lugar com muitos riscos para as crianças, mas não o suficiente para barrar as estratégias arquitetadas por elas, que continuam a ocupar e a construir ambientes nesse espaço, indo além da área da vizinhança e de ruas próximas de suas moradias.

MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches. *Vozes infantis: as culturas das crianças Sateré-Mawé como elementos de (des)encontros com as culturas da escola*. 2009. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Por meio da etnografia, são investigadas as tensões que existem entre os elementos da cultura indígena e as diversas influências do espaço urbano no cotidiano de crianças indígenas Sateré-Mawé residentes em uma comunidade de zona urbana da cidade de Manaus. Nas variadas brincadeiras, nos rituais, nas músicas próprias de seu povo, na língua e nos ensinamentos ancestrais, ou seja, é nesse “entrelugar” (tradições indígenas e vida urbana) que – estrategicamente e de forma relacional – o jeito de ser criança Sateré-Mawé é construído. Mas a escola urbana, que deveria se constituir como espaço de acolhimento e articulação entre as diferentes culturas,

causa tensão e distanciamento à criança indígena. Assim, se, por um lado, “viver a infância é uma atividade plena e que se constrói nas relações mais intensas vividas no dia a dia”, por outro, nas escolas pesquisadas, o trabalho pedagógico não está pautado em uma visão aberta ao diálogo, “na concretização de uma pedagogia interdisciplinar, multidisciplinar ou intercultural”, mas em um “espaço de exclusão, preconceitos e negação das diferenças”, especialmente no caso das crianças Sateré-Mawé.

OLWIG, Karen Fog; GULLØV, Eva. (Ed.). *Children's places: cross-cultural perspectives*. London: Routledge, 2003. 255 p.

O livro busca o estabelecimento de uma antropologia das crianças, por meio de estudos realizados na Europa, na África, na Ásia, na América do Norte e na Oceania. Esses estudos discutem a socialização de crianças e suas possibilidades de reconfigurar e desenvolver novos lugares e desafiam as noções de infância, comumente vinculadas às percepções de crianças no imaginário ocidental, ao apresentar uma abordagem comparativa entre crianças de diferentes lugares. A primeira parte, “Lugar como zona de oportunidade e controle”, é composta por quatro textos que analisam como as crianças utilizam os espaços para criar oportunidades de empoderamento ou para controlar eventos em territórios conflituosos, no caso, centros de educação infantil, em Belfast (Irlanda do Norte), e escolas aborígenes, na Austrália. A segunda parte, “Lugar como área no campo das relações geracionais”, apresenta quatro textos que examinam os relacionamentos intergeracionais em configurações diversas, como centros esportivos, bairros multiculturais e campos de refugiados. A terceira parte, “Lugar como fonte de pertencimento: comunidades locais, identidades nacionais, relações globais”, compreende três textos que exploram questões relacionadas à constituição da noção de pertencimento individual das crianças.

196

SANTOS, Maria Walburga dos. Crianças também habitam cidades: realidades invisíveis, direitos, invenções e inversões possíveis. In: GOBBI, Marcia Aparecida et al. (Org.). *O direito das crianças à cidade: perspectivas desde o Brasil e Portugal*. São Paulo: FE/USP, 2022. p. 97-121.

O capítulo está dividido em três partes. A primeira relaciona as infâncias nos diferentes momentos históricos com as cidades, as quais também foram constituídas em diferentes tempos e espaços, propondo refletir sobre como é possível analisar a infância contemporânea. A segunda parte propõe quatro casos distintos para pensar como as crianças podem vivenciar a infância nos espaços da cidade, dando destaque a crianças pobres e negras, à invisibilização e ao tratamento hostil que elas recebem. Para tal, dá exemplos: uma criança em situação de fome e vulnerabilidade, enganada por uma pessoa adulta, durante a pandemia de covid-19; e outra assassinada pela

polícia em uma comunidade do Rio de Janeiro. Em seguida, faz uma relação entre a infância e a cidade, mediante uma situação de desigualdade ocorrida em um quilombo urbano; e, por último, reconta situações vivenciadas por crianças no ano de 1935, quando eram impedidas de ocupar os parques, porque alguns adultos se sentiam incomodados. A terceira parte apresenta uma reflexão sobre a pluralidade de crianças que circulam e/ou vivem nas cidades e como esses espaços podem ser acolhedores ou não.

Marcia Cristina dos Santos, doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), é professora da Secretaria Municipal de Educação de Araucária, membro do Grupo de Pesquisa Observatório de Culturas e Processos Político-pedagógicos (Ocupp/UFPR) e do Grupo de Estudos em Território, Educação e Cidade (Teci/UFPR).

m_cris07@yahoo.com.br

Marcia Baiersdorf, doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), é professora na graduação e na pós-graduação do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do Grupo de Pesquisa Observatório de Culturas e Processos Político-pedagógicos (Ocupp/UFPR).

marcia.baiersdorf@ufpr.br

Recebido em 15 de junho de 2023

Aprovado em 31 de julho de 2023